

MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

19ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

PRAÇA MARECHAL DEODORO , Nº 790 -

CEP: 64.000-160

TERESINA-PIAUÍ

FONE/FAX: (086) 3221-1404 / 3221-5538

**INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS DO TAMBOR DE
CRIOLA DA REGIÃO LESTE DOS COCAIS - PI**

TERESINA/2011

MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

19ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

PRAÇA MARECHAL DEODORO , nº 790 -

CEP: 64.000-160

TERESINA-PIAUÍ

FONE/FAX: (086) 3221-1404 / 3221-5538

**INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS DO TAMBOR DE
CRIOLA DA REGIÃO LESTE DOS COCAIS - PI**

TERESINA/2011

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
Descrição da rede de manifestações culturais da região Leste dos Cocais dos Cocais – Categoria INRC	7
1. CELEBRAÇÕES	9
1.1 O tempo do Tambor de Crioula: a quaresma e as temporalidades em torno do Tambor de Crioula.....	17
1.2 As Incelênças	21
2. LUGARES	24
2.1 Lugar de Devoção e sacralização	24
2.2 Lugar de Diversão e sociabilidades	27
3. EDIFICAÇÕES.....	30
3.1 Edificações urbanas: igrejas, casarões e cemitérios.....	30
4. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER.....	34
4.1 Artes de Fazer: a curtição do couro	34
BIBLIOGRAFIA.....	54

INTRODUÇÃO

Concluída a pesquisa de campo pela equipe técnica responsável pelo inventariamento do Tambor de Crioula da Região Leste dos Cacaís do Estado do Piauí, bem como das demais expressões culturais próprias da região, podemos agora sintetizar, neste relatório, alguns pontos que considerados importantes. O trabalho a seguir não envolve apenas a pesquisa acerca do Tambor de Crioula, mas faz um mapeamento geral de outras atividades e manifestações culturais e religiosas que venham a se interessar pela diversidade cultural presente na região.

Nesse sentido, cabe ainda frisar que a equipe técnica visitou apenas as localidades referenciadas no projeto, a saber: Matias Olímpio, Morro do Chapéu, João José do Divino, São João da Fronteira, Piracuruca e Piripiri. Muito embora as pesquisas tenham se concentrado unicamente nessas localidades, a estruturação do presente relatório não se dará por município, e sim por categorias utilizadas pelo IPHAN, conforme INRC.

A organização do relatório, portanto, estará estruturado de acordo com as peculiaridades culturais de cada cidade inventariada, sendo, portanto, ponto de interesse da equipe de pesquisadores elementos ligados não só ao próprio Tambor de Crioula, como também, à cultura imaterial da região, como as **Celebrações, Lugares, Ofícios, Modos de Fazer e as Formas de Expressões.**

Foi possível encontrar um conjunto variado de manifestações ligadas à homenagem a santos e santas de terreiros da Umbanda, bem como àquelas celebrações conduzidas pelas igrejas locais, as procissões e novenários, os reisados/caretas e as rodas de São Gonçalo ou de São Benedito, o bumba-meu-boi e o Tambor de Crioula, tambor de macumba, o artesanato, as músicas, toadas e repentes.

Além dos aspectos imateriais, encontramos as peculiaridades do mundo da cultura material, com suas Edificações como: os casarões, edifícios públicos urbanos e as obras de caráter modernizante tão presente na região, como a estrada de ferro.

Cabe ressaltar, ainda, que a idéia em acentuarmos o caráter da pluralidade das formas de expressões da região e, ao mesmo tempo, tentar compreendê-la tomando como referência seus aspectos materiais e imateriais, se justificam exatamente por estarmos cientes de que adentraremos no campo da cultura. Nesse sentido, o diálogo que efetivamente construímos neste relatório se localiza na interdisciplinaridade das ciências sociais, em especial com a antropologia interpretativa, que nos possibilita segundo Clifford Geertz, “as dimensões simbólicas da ação social” ¹.

Ao partirmos dos pequenos eventos culturais da vida cotidiana dos indivíduos que fazem a região Leste do Cacaís, a equipe de pesquisadores tentará neste relatório re/construir - a partir de uma descrição das celebrações, festas, ofícios e modos de fazer - as suas experiências e visões de mundo, buscando assim compreender o todo através do particular.

Durante a pesquisa de campo utilizamos como recurso metodológico os relatos orais (entrevistas e conversas com populares, líderes políticos e eclesiásticos, entre outros, assim ligados ao campo da cultura e da religião), bem como produções bibliográficas locais e pesquisas na Biblioteca da Fundação CEPRO e Arquivo Público do Piauí sobre as cidades contempladas na segunda etapa do inventário.

Embora com uma variedade de fontes disponíveis, o seu caráter disperso e, em alguns momentos, escasso, fez com que a equipe levantasse alguns questionamentos - para serem respondidos no decorrer da pesquisa - sobre alguns modelos e conceitos bastante próximos e da própria natureza do trabalho.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre até que ponto a noção de território político-estratégico, como aqueles definidores dos limites de uma cidade para outra ou, numa perspectiva mais abrangente, como Territórios dos Cacaís dão conta da expressividade e da ressonância cultural de determinada manifestação cultural da região, no caso específico, e para fins de exemplo: o Tambor de Crioula?

¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1978.

Outra problemática presente na pesquisa encontra-se exatamente na definição do termo “Crioulo”. Seria este termo relacionado unicamente ao aspecto étnico e racial próprio da formação do Brasil ou um sinônimo para definir uma manifestação cultural carregada de múltiplas outras tradições culturais? Não tão intrigante quanto às demais interrogações, temos também outra dúvida que nos impõem. Seria possível compreender a multiplicidade cultural de uma região inter/relacionando manifestações distintas, a partir de um elemento em comum, no caso aqui levantado, a idéia de uma vida cotidiana e social peculiar ao Piauí baseada no tropismo, na produção de gado e no ciclo do couro?

Estas são algumas perguntas que ficarão no decorrer desta primeira fase da pesquisa, entretanto, o que veremos neste relatório são algumas informações importantes, na tentativa de sistematizar as múltiplas manifestações culturais da Região Leste dos Cocais.

Descrição da rede de manifestações culturais da região Leste dos Cocais dos Cocais – Categoria INRC

Compreender as múltiplas expressões da cultura popular de uma determinada região não é uma tarefa fácil. A própria polissemia do termo “cultura popular”, quando este é utilizado pelo pesquisador, o condiciona necessariamente a navegar em terrenos movediços, uma vez que suas análises, hipóteses e conclusões sobre determinadas expressões da cultura de um povo estejam irremediavelmente fechadas a uma bipolaridade conceitual, entre o que denominamos de “mundos das elites” e “mundos das classes subalternas”.

Muito embora sabedores da maleabilidade do conceito e dos dilemas que o cerca nas ciências sociais, preferimos trabalhar com a noção de “circularidade cultural”. Essa escolha se dá exatamente por compreender que manifestações típicas da região Leste dos Cocais, como os reisados, as vaquejadas, o Tambor de Crioula, o Tambor do Divino, o Bumba-meu-boi, as rodas de boi e de São Gonçalo e de São Benedito, as Preces, as Novenas e as Fogueiras de São João e os Ritos fúnebres, quando conectadas com essa idéia possibilitam uma maior compreensão da realidade sócio-cultural da região.

De fato, conectar as histórias em torno das variadas manifestações da cultura material e imaterial da Região Leste do Cocais requer um modelo metodológico que perceba as formas de expressões da localidade como uma rede, onde os sujeitos praticantes compartilham experiências e conhecimentos próprios. Assim, a vida religiosa, as relações econômicas e sociais são, por assim dizer, elementos chaves para a compreensão destas formas de expressões, o que nos faz pensar novamente na noção de rede e de circularidade cultural² em torno da gestação das manifestações populares típicas do Leste dos Cocais. Exemplo disso são as relações/correlações entre

² GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

criação de gado - produção do couro, vaquejada – poder familiar, tambor - diversão e tambor – religião.

Assim, para conhecer e, acima de tudo, compreender tais referências culturais na atualidade, tem-se necessariamente que colocar como pauta de discussão as interações, as trocas culturais e as múltiplas e variadas experiências que muitos desses sujeitos históricos vivenciaram.

Expandindo tal interpretação, e quando percebemos a latência das variadas expressões culturais na região Leste dos Cocais do Piauí, percebemos o quanto devemos considerar as recriações culturais em torno do papel do gado nessa sociedade para além do mero simbolismo econômico. Tal exercício, certamente, nos ajudaria a explicar e a melhor historicizar as diversidades de celebrações, lugares, modos de fazer e ofícios ligados à atividade pecuarista no Piauí dos séculos XVIII e XIX, como a arte de curtir o couro, o artesanato, as vaquejadas, o bumba-meu-boi e o Tambor de Crioula.

1. CELEBRAÇÕES

O universo das celebrações compreende, segundo o INRC, ritos e festividades ligadas à religiosidade, à civilidade e ainda à forma das comunidades reafirmarem e recriarem suas redes de significações e relações sociais sem perder os fios que tecem seus cotidianos ao passado e ao futuro. No território dos cocais piauienses, em sua região oeste, como observamos na fase primeiro deste inventário, e também nesta segunda etapa, em seu lado leste, celebrar invoca alegrias, tristezas, saudades. Faz marcar temporalmente experiências que teimam em não se apagar e outras que apenas insistem nas lembranças de velhos tempos recobertos pelos ventos da modernidade.

Religiosidade e civilidade caracterizam distintamente as diversas celebrações da região, embora muitas vezes a civilidade possa se fazer presente nos rituais de religiosidade e, inversamente, a religiosidade se fazer presente às cerimônias civis.

Dentre as várias celebrações religiosas identificadas na região leste do território dos cocais destacam-se as cerimônias religiosas conhecidas como “novenas”, cujas atividades motivam a população a atravessarem suas fronteiras comunitárias e unirem-se em celebração a outros eventos que se repetem, renovam e atualizam.

A novena tem como núcleo nove dias de celebração religiosa a um santo de devoção da comunidade, envolvendo também atividades não religiosas tais como brincadeiras, jogos, leilões, festas, shows e ao consumo de comidas e bebidas. A esta parte não religiosa, a população local chama de quermesse. Trata-se de um misto de brincadeiras e obrigações, sagrado e profano, erudito e popular. Em regra, os novenários são iniciados com o levantamento do mastro e finalizados com a realização de procissões ao santo que está sendo celebrado.

Em São José do Divino até a data do novenários em celebração a São José foi alterado de março para setembro, facilitando a participação das comunidades internas e adjacentes ao município ao festejo, o que nos faz concluir que os novenários, além do seu sentido eminentemente religioso

promovem também um momento de integração entre as mais distantes comunidades da região.

No quadro abaixo apresentamos as principais novenas a região.

QUADRO I: Novenários da Região Leste dos Cocais

CALENDÁRIO	NOVENÁRIO	CIDADE	OBS:
JANEIRO	SÃO SEBASTIÃO,	São João da Fronteira	Realizada na comunidade Alto Alegre
FEVEREIRO			
MARÇO	SÃO JOSÉ, dia 19.	Morro do Chapéu	Realizado no Povoado Boa Vista
	SÃO JOSÉ DOS ORFAOS, dia 19	Matias Olimpio	
ABRIL			
MAIO	NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 13 de maio	Matias Olimpio	Barreirão e Piçarra
JUNHO	SÃO JOÃO, dia 24	Morro do Chapéu	Igreja Matriz
	SANTO ANTONIO, dia 12	Matias Olimpio	Alto Formoso
JULHO	NOSSA SENHORA DO CARMO, dia 16	Piracuruca	
AGOSTO			
SETEMBRO	SÃO MIGUEL, dia 29	Matias Olímpio	Barrinha
OUTUBRO	NOSSA SENHORA APARECIDA, dia 12	Matias Olimpio	
	NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, dia 16	Piripiri	

NOVEMBRO	Campo Comprido		
DEZEMBRO	SANTA LUZIA, dia 13	Matias Olimpio	
		São José do Divino	Bouqueirão

O padroeiro de São João da Fronteira é São João Batista, que é celebrado entre 14 e 24 de junho. Nestes dias, a prefeitura e os populares organizam leilões, shows e apresentações artístico-culturais a envolver tanto artistas do Piauí como do vizinho Estado do Ceará, com o qual o município faz fronteira. Entre 28 de novembro e 08 de dezembro é também realizado o novenário de Nossa Senhora da Conceição.

Outro novenário importante em São João da Fronteira é o realizado em homenagem a São Sebastião. Realizada entre os dias 10 a 19 de janeiro, a festa em torno a São Sebastião é considerada uma das mais tradicionais da região. Sua realização fica a cargo apenas dos populares da localidade Alto Alegre. Assim como nos demais festejos da cidade, nos festejos de São Sebastião encontramos uma diversidade de leilões, shows e apresentações artístico-culturais. Narra os populares, que o festejo teve origem com a construção da Capela dedicada a São Sebastião, fundada em 1926 e também denominada Capela de Nossa Senhora do Caminho, em homenagem aos caminhoneiros que ali paravam para render homenagem a São Sebastião.

Em Piracuruca o mais importante novenário é o de Nossa Senhora do Carmo, realizado na Igreja do Monte do Carmo e envolvendo quermesses, procissões e leilões. Em Piripiri, a santa homenageada é Nossa Senhora dos Remédios. Estes festejos envolvem as comunidades de toda região dos cocais atravessando as fronteiras geopolíticas de cada município.

Como afirma a professora Maria do Amparo,

...aqui em São José se festeja dois santos: São José, que é o padroeiro e Nossa Senhora de Fátima. Há muito tempo atrás o padre mudou o período da novena de 19 de março (dia de São José) para 09 a 19 de setembro. Isto porque em março tem

*muita chuva e atrapalhava a vinda das pessoas que moram nas comunidades rurais.*³

Como podemos observar, os novenários, como momento de celebração, integra as comunidades e os diversos segmentos sociais em torno da homenagem ao santo. O festejo compreende barraquinhas com venda de bebidas, objetos produzidos na região e comidas típicas. O festejo inclui também a realização de leilões. Trata-se da oferta de jóias pela população na forma de bolos, doces, assados, dentre outros produtos, a serem leiloados entre os presentes.

Existe ainda o “leilão americano”, que é feito quando se torna necessário a arrecadação de recursos extra para a Igreja. Neste caso, é feito uma relação das pessoas participantes, a quem é entregue um envelope informando do leilão. A família então deposita neste envelope a quantia que deseja ofertar, sendo o vencedor aquele que fizer a maior oferta ao santo.

Merece destaque ainda as celebrações a Santo Antonio, São João e São Pedro, que juntos compõem o período junino. Neste período, as comunidades, em geral, acendem fogueiras nas portas, “passam fogo” e dançam quadrilha. Na maioria dos municípios pesquisados, as festas juninas são hoje iniciativas das escolas da municipalidade.

O Bumba meu boi não foi identificado de forma ativa em nenhum município, embora esteja vivo na memória da população. O núcleo destas brincadeiras, nos municípios estudados são hoje as quadrilhas, que tem por base um enredo ligado a uma encenação caricatural de um casamento caipira. Por certo, as antigas festas juninas, como em São José do Divino, transformaram-se em festivais juninos produzidos pelas escolas, girando em torno dos concursos de quadrilhas. Até as quadrilhas perderam a voz de comando do antigo “puchador” – aquele que anunciava “os passos da quadrilha” tornando-se o que em São José é denominado como “quadrilha coreografada”, aquela ensaiada no contorno de uma determinada seqüência musical, dispensando o “puchador”. Antes o “puchador” tinha o papel de organizar e comandar a quadrilha, hoje quem faz este papel é um coreógrafo.

³ Ver na ficha de Áudio-Vídeo de Piracuruca a seguinte entrevista: REC002.

No estilo tradicional, a quadrilha da cidade de maior reconhecimento é a “Flor de Mandacaru”, sendo o seu passo mais admirado, o ato de “atravessar a lagoa”, um momento em que o parceiro simula a travessia de uma lagoa com sua parceira. Será necessário identificar mais claramente e detalhar os fatores que impulsionaram tais mudanças. No entanto, fica visível a emancipação do município como fator determinante para tais mudanças, notadamente a entrada de políticas voltadas ao produtivismo e o aporte do SEBRAE. Mesmo sendo o núcleo das atividades que compõem as “festas juninas” na região, sua transformação como evento produzido pelas escolas faz com que esta tradição perca suas características religiosas ao ganhar facetas de civilidade.

Podemos inferir que existe uma tendência das quadrilhas se afastarem do popular e avançarem para a lógica do mundo das escolas e das coreografias, perdendo assim suas características de manifestação popular e ganhando contornos de uma racionalidade próxima ao espetáculo.

É muito significativo na região o respeito e obediências aos preceitos de reclusão e abstinência durante a “quaresma”, conforme defende o cristianismo. Assim, durante o período da quaresma - que vai da quarta-feira de cinzas até a sexta-feira santa – festas e bebidas tornam-se proibitivas, indicando um forte grau de cristianização da região. Esses critérios proibitivos são também defendidos e praticados pelos culto-afros descendentes na região.

No lugar de festas, a quaresma celebra a paixão e morte de Jesus Cristo. Assim, são realizados ritos cristãos, como as vias sacras, procissões e o testamento de Judas. É também marcado como período de visitas dos familiares que moram nas cidades maiores, bem como daqueles que residem em comunidades menores, cuja recepção é marcada pela oferta dos produtos agrícolas colhidos na época, notadamente o milho, o feijão e a melancia.

Período considerado pelo imaginário cristão como de purgação e purificação, o fim da quaresma é marcado também pelo testamento do Judas, uma alusão a Judas, que é caricaturado em forma de boneco exposto publicamente para ser sacrificado, gerando um ritual denominado “julgamento do Judas. O texto do julgamento invoca personagens da história local que sejam identificados com o caráter traidor de Judas. Desta forma, a semana santa é marcada pelas vias sacras realizadas no conjunto dos municípios

estudados, oportunizando orações e reclusões. Nelas, os passos da Paixão e Morte de Jesus Cristo, principal personagem do cristianismo, são ritualmente reconstituídos como um mito de origem.

As Rodas de São Gonçalo são celebrações a São Gonçalo que ocorrem na região. Em Piracuruca, a roda de São Gonçalo é uma tradição, fruto de uma promessa, mantida, em regra, por famílias que por motivos variados buscam na figura de São Gonçalo o elo de salvação para suas angústias. Para celebrar São Gonçalo as comunidades vizinhas são convidadas a participar. A celebração começa quando populares a tornam pública com a execução de três tiros de foguetes. Quando os participantes se aproximam encontram um altar preparado com um arco feito de bolos e frutas tendo no centro a imagem de São Gonçalo. Em uma das canções presentes na Roda de São Gonçalo e abaixo transcrita, podemos perceber o jogo de palavras a envolver santos, festas e danças.

*Nas horas de Deus Amém (2x)
 Tô cantando São Gonçalo até o ano que vem
 A fileira esta formada quem quiser passe pra dentro
 Quem quiser passe pra dentro
 Depois não saiam dizendo (2x)
 Que os guias não deram tempo (2x)
 Os guias e os contra guias
 Os guias e os contra guias no dançar tenha cuidado
 No dançar tenha cuidado
 Que eu não acho o dia acesso
 Que eu não acho o dia acesso dançara a dança calado
 Dançara a dança calado*

*Oh! Santa Teresa foi freira
 Santa Teresa foi freira
 Menina de doze anos (2x)
 Escreveu pra São Gonçalo
 Escreveu pra São Gonçalo que este mundo era engano
 Que este mundo era engano
 São Gonçalo respondeu (2x)
 Na carta no mesmo ano (2x)
 Que o mundo não é engano (2x)
 Nós é quem se enganamos*

*São Gonçalo não quer missa (2x)
 E nem na rua pede esmola
 Nem na rua pede esmola
 Só que uma dança bem cantada
 Que uma dança bem cantada*

De sanfoneiro ou viola (2x)
Nunca fui a São Gonçalo (2x)
Hoje eu vou se Deus quiser (2x)
Vou a pé ou a cavalo (2x)
Ou na barca de Noé (2x)
Diga a Deus a São Gonçalo (2x)
Até pro ano que vem (2x)
Se Deus me emprestar a vida (2x)
E São Gonçalo também (2x)
São Gonçalo vai simhora (2x)
No domingo bem cedinho
Vai contando o seu dinheiro (2x)
Com os anjos Sarafim (2x)
Oh! Meu senhor São Gonçalo (2x)
No Cajado de Marfim (2x)
Livra senhor São Gonçalo (2x)
Sua dança esta no fim.

O ritual festivo tem início com a formação de pares enfileirados que dançam ao som de “jornadas” “puchadas” por cantadores da “Roda de São Gonçalo”, chamado pelo organizador da festa para tal fim. Após nove jornadas (rodadas) a dança finaliza, tendo início, portanto, a sua segunda parte: o leilão. Este começa com a oferta do “arco de São Gonçalo” que é então sorteado.

Segundo Noé Mendes de Oliveira, São Gonçalo, o santo violeiro, é cantado e dançado em todo o Piauí:

Duas fileiras de homens e mulheres se colocam em fente ao altar do santo. Movimentam-se em forma de círculo e em forma de “cruzeiro” (cruz), reverenciando o santo e beijando o altar. O canto vai acompanhado de rabeca, violão, pandeiro e, às vezes, zabumba. Em alguns lugares os homens batem em pequenas cuías, enquanto dançam as doze “jornadas” da Roda, sob a direção dos guias, Mestre e Contramestre⁴

As Vaquejadas são celebrações voltadas às atividades dos vaqueiros na lida com o gado, caracterizadas por disputas e apostas pela derrubada do boi. A atividade acontece por toda região, notadamente em Morro do Chapéu. Lá, além da disputa em torno da derrubada do boi, é realizada uma cavalgada ao som de aboios, onde os vaqueiros de toda região participam. Fato este

⁴ OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore Brasileiro*: Piauí. 2ed. Teresina: EDUFPI, 1995.

importante por está associada à história local, cuja origem foi mitificada na seguinte narrativa:

um vaqueiro vinha perseguindo uma rês tendo que subir o morro, quando, de repente, o cavalo cai derrubando o vaqueiro que, ao levantar-se não encontrou mais seu chapéu, dando origem ao nome Morro do Chapéu”.

Celebrar a lida dos vaqueiros com o gado mostra o papel do patrimônio cultural como registro e interpretação da história da região, uma vez que esta manifestação cultural se encontra associada ao tropismo e à história das fazendas criatórias de gado. É através das narrativas presentes nas vaquejadas que percebemos o papel histórico do vaqueiro como um mecanismo através do qual migrantes tropistas se fixaram e povoaram a região.

Em São José do Divino, que é tido como o lugar das mais antigas vaquejadas da região, elas foram transformadas em festa cívica produtivista denominada “Festa do Leite” que teve início em 1986 e ocorre nos meses de dezembro, em decorrência das comemorações do aniversário da cidade. Trata-se de promoção de uma associação de produtores locais cuja finalidade inicial foi evidenciar a figura do vaqueiro, uma vez que o município é vocacionado à produção de leite. Nela é escolhido a Rainha do Leite e a Rainha Mirim.

No primeiro dia, as vacas são ordenhadas para identificar aquela com maior potencial produtivo. A produção final é distribuída à população carente local. Recentemente, a festa vem perdendo a liderança da população local na sua organização, passando a ser planejada pelo SEBRAE. Para a professora Maria do Amparo, “a festa perdeu sua essência porque é organizada por uma pessoa de fora e também porque o dinheiro gerado não fica mais aqui (na cidade).”

1.1 O tempo do Tambor de Crioula: a quaresma e as temporalidades em torno do Tambor de Crioula.

Na contramão do imaginário cristão, o Tambor de Crioula⁵ ressoa na região como a festa, a dança, a celebração da alegria, própria do período da quaresma, ou seja, seu tempo obrigatório é o da quaresma. Período este de resguardo, purificação e proibição das festas e aos prazeres da carne, de acordo com o calendário cristão. O tambor, segundo seus tocadores ou tambozeiros, inversamente ao pensamento cristão, vem para apagar a tristeza do período, para resistir ao comando de reclusão dado pelo imaginário da cristianização. Assim, na região dos cocais piauienses, o tambor de crioula faz a festa para compor de alegria a proibição cristã à festa. Desta forma, os tambozeiros se reúnem pelo chamado do foguete, acendendo uma fogueira para aquecer os tambores e liberar seu rufar, deixando a eira livre para a baia, rompendo com o trato cristão proibitivo e convidando a todos para baiar o corpo na eira da crioulagem.

Diferentemente do sincretismo religioso afro-descendente, que segue a premissa cristã de reclusão no período da quaresma silenciando seus tambores, o Tambor de Crioula o coloca em evidencia. Embora o tambor possa ser tocado em qualquer época “a chamado”, é na quaresma que ele assume sua genuinidade. Tal inferência será rediscutida no relatório final.

Nesta segunda etapa do Inventário Nacional do Tambor de Crioula na região Leste do Território dos Cocais – PI, foi identificado apenas um grupo de tambozeiros ou “tocadores de tambor”, como prefere ser chamado o Sr José de Sousa da Costa, de 48 anos, conhecido como Zé Miroca, residente em Matias Olímpio.

De fato, quando o assunto é tambor de Crioula em Matias Olímpio, a figura orgânica de Zé Miroca ganha um sentido especial. Praticante do Tambor de Crioula desde a infância, Zé Miroca é o principal articulador do encontro de Tambozeiros na região.

⁵ Alguns moradores de Morro do Chapéu afirmam que na região onde se localiza o Povoado Cipó, existiu o Tambor de Crioula. A equipe foi até o local e não conseguiu localizar os tambozeiros.

Seu interesse vem da lembrança do pai, marcada pela herança do ofício que recebeu na infância. No momento, busca difundir a prática do tambor entre os familiares, a fim de manter a tradição presente – atualmente ensina ao seu filho as técnicas de toque e dança do tambor - tocando com os amigos, que, em grande medida, são seus cunhados, Pedro e Pituca, este tocando o mexirico e aquele com o tambor grande.

Sobre o ofício de tambozeiro e a produção do tambor, Zé Miroca relata que:

(...) o processo da produção do tambor é nós 'mermo' [em fevereiro, eles estavam sendo produzidos] quem faz, pela nossa conta 'mermo'. Nós 'se reúne' aqui no nosso bairro, eu e a turma... os amigos né? Aí 'nós faz' a brincadeira só 'pra nós mermo'. [As madeiras utilizadas para confeccionar os tambores são a candeia, 'birindiba', 'marfin']. Agora tem a [madeira] sapucaia. O couro [para a parte superior do tambor] é o de gado (...).

A manifestação ocorre de acordo com a vontade dos tambozeiros em se encontrar e “brincar” com o batuque ou a convite, mas a fase em que o grupo coordenado por Zé Miroca toca obrigatoriamente é na “sexta-feira gorda” da Semana Santa. Para que a comemoração da “sexta-feira gorda” ocorra sem problemas, Zé Miroca enfatiza que os tambozeiros evitam o consumo em excesso de bebidas alcoólicas e só realizam a festa com autorização da delegacia do município. É uma forma de garantir a segurança e diversão entre os espectadores que frequentam o espaço (na média de 60 pessoas por evento), que se reúnem a meia noite até as 7hs da manhã. Vale lembrar que a festa não possui apoio da prefeitura ou de instituições religiosas, sendo totalmente financiada pelos próprios moradores, sob organização de Zé Miroca.

No dia da festa, pela manhã, a casa de Zé Miroca começa a ficar movimentada, com a chegada de amigos e familiares, que se concentram em frente à residência durante toda tarde, num divertido jogo de baralho, para esperar a hora do tambor e dançar noite à dentro. Já no final da tarde da “sexta-feira gorda”, começam a chegar os tambozeiros das outras localidades.

Assim, para tocar o tambor nas últimas horas da quaresma, Zé Miroca produz novos tambores e convida outros tambozeiros da região para, juntos,

fazerem a festa. Para fazer os novos tambores para a festa da sexta-feira santa, Zé Miroca os preparou com antecedência de 10 a 20 dias. Para isto, escolheu troncos da madeira de sapucaia ou mirimdiba, arte que ele faz questão de ensinar a muitos outros. Para o Tambor Grande utilizou candeia, para o tambor do meio, o socador, usou mirimdiba e para o tambor pequeno – Mexerico usou o marfim, como afirma em seu depoimento:

Produzo o tambor 20 dias, 10 dias antes, que é para tá no ponto, a madeira seca, eu mesmo tiro, eu mesmo faço, já ensinei, a turma toda fazer. A melhor madeira é a sapucaia e a mirimdiba.....essa aqui é a candeia (mostrando Tambor Grande), essa aqui é a mirindiba (mostrando o tambor do meio - Socador) esse aqui é o Malfim (Mostrando o Tambor pequeno ou Mexerico)... A produção é agora, tá chegando, .é eu mesmo que tiro a madeira...vou no mato tiro, vou cobrir, faço tudo, eu é que organizo mesmo...Nunca vendi...eu arrumo pra turma brincar nos colégios...” (Zé Miroca)

Faz parte do evento o envolvimento de outros tambozeiros da região. Desta vez, foram convidados tambozeiros do vizinho município de Porto: Eliazar, Luis Ciríaco, Antonio Luis e Leonardo. Fato este indicativo da diferença entre bater o tambor entre tambozeiros “pra brincar” e bater o tambor “a convite” ou “por contrato” para “outros”. Tal demarcação entre “nós crioulos” e “outros” deverá ser explorado em pesquisa de campo e respectivas interpretações e análises.

Antes da sexta-feira gorda, Zé Miroca já havia ido à delegacia para tirar a licença para realização do evento numa grande área aberta ao lado de sua casa, onde realiza o evento há seis anos seguido, além de ter tomado outras providências, tais como iluminação, compra de bebidas e refrigerantes e alimentação para os convidados. Fato este indicativo do controle do aparato policial sobre a manifestação do tambor de crioula, obrigando-os a “brincarem” nas últimas horas da quaresma.

Antes da festa, na tarde da “sexta-feira gorda”, já havia muitos amigos e familiares na residência de Zé Miroca. Sentados em volta de uma pequena mesa nas calçadas da casa, muitos jogavam baralho e já consumiam suas primeiras doses de bebidas. O movimento das pessoas indo e vindo era o

anúncio da brincadeira. No início da noite chegaram os tambozeiros convidados, a quem Zé Miroca recebe caloroso e orgulhosamente.

Às 22h (“10 horas da noite”) uma jorrada de foguetes anuncia o início da brincadeira. Todos se movimentaram. Assim, os organizadores se reúnem antes da meia-noite iniciando alguns procedimentos básicos, como o deslocamento da madeira a ser usada na fogueira, para o ponto de encontro definido para a dança. A fogueira - além de marcar o local em que a manifestação ocorrerá – serve como espaço de concentração entre os tambozeiros para esquentar o couro do tambor, assim ele será “amolecido”, para melhorar o desempenho da batida e ampliar sua sonoridade. A festa ocupa boa parte do bairro Cruzeiro, atraindo um público com faixa etária variada que se diverte até o amanhecer ao som do tambor.

Com a fogueira acesa, os tambores foram postos à frente do fogo onde passaram a ser aquecidos. Os tambozeiros sentados sobre os tambores afinam o instrumento, enquanto isso os vizinhos e convidados aproximam-se pouco a pouco.

Os tambores começaram a rufar e os homens começaram a baia. Inicialmente, não havia presença de bebidas alcoólicas. No entanto, no avançar da noite, o litro de conhaque circulou entre baiadores e curiosos, quando os homens tomavam goles diretamente no gargalho da garrafa.

Os homens baiaram durante muito tempo e depois cederam lugar às mulheres que baiaram livremente mostrando que no Tambor de Crioula, baia masculina não se mistura com baia feminina.

O baia é os meninos...pode mulher e pode homem...ai a mulher tem a vez delas, os homens não vão interferir...aqui a gente não deixa, a mulher dança e os homens ficam pra ali...aqui tem muito deles que vez empurra a mulher, vez passa uma rasteira, tem muito caba saliente...então a gente não aceita isso...

Dessa maneira, a festa transcorreu durante toda a noite. O entendimento de Zé Miroca sobre o Tambor de Crioula como uma “brincadeira” serve também para diferenciá-lo do tambor de mina ou macumba, uma vez que este tem caráter religioso. Como exemplifica o senhor Zé Miroca, o seu “tambor não tem nenhuma relação com religião não, é só brincadeira, só diversão”.

E como diversão, o Tambor de Crioula assume sentido de demarcador identitário, uma vez agrega os tambozeiros entre si, mesmo quando não residem em áreas adjacentes. A festa do tambor produzida por Zé Miroca é um bom exemplo de tal agregação.

A formação dos tambozeiros para tocar na “Sexta-feira maior” deu-se a partir da visita de Zé Miroca à região de Alto Formoso (Matias Olímpio), quando ele encontrou um grupo liderado por Eliazar Rodrigues da Silva tocando no povoado e se integrou à formação já existente⁶.

Fato ainda relevante é o vínculo do Tambor de Crioula com grupos familiares. Em regras, os grupos são formados por irmãos ou parentes próximos e muitas vezes são a continuidade de gerações anteriores de tambozeiros, indicando que o aprofundamento da pesquisa poderá ser realizado em etapas futuras utilizando “historias de vida” destas famílias como metodologia complementar à do INRC. Ao ser entrevistado, o tambozeiro Zé Miroca, por exemplo, revelou que aprendera a arte de bater o tambor, desde pequeno, através do pai Aminanable da Costa, falecido a mais ou menos cinco anos, o qual era já conhecido na região por tocar Tambor de Crioula.

O que se percebe, portanto, é que a prática do tambor de Crioula encontra-se essencialmente ligada a outras manifestações da vida social e cultural desses sujeitos. Mais uma vez, o tambozeiro Zé Miroca é uma figura exemplar na medida com desenvoltura ele consegue circular entre a função social de pai de família, agricultor, aposentado e tambozeiro. Dessa maneira, ser “tambozeiro” não é uma prática de dedicação exclusiva, mas exercida somente nos períodos em que os grupos envolvidos na festividade se reúnem para tocar e dançar. E esta temporalidade do tambor se encontra estreitamente ligado ao tempo da quaresma.

1.2 As Incelênças

Trata-se de um canto entoado à cabeça dos mortos, como parte do cerimonial de velório. São formas de expressão cantadas sem

⁶ Entre eles: Antônio Luís de Oliveira e Luís José de Oliveira.

acompanhamento instrumental, em séries de versos, ritualmente, muitas vezes também chamadas de cantorias.

Na região Leste dos Cocais, além das incelências, os Bem-Ditos e as ladainhas são similares. As incelências informam a morte aos familiares e amigos. Cantada a qualquer hora durante a sentinela, a incelências avisam aos vivos a proximidade da partida, a saída do corpo e, portanto, o anúncio da sua chegada a um novo estágio.

As Incelências são, portanto, rituais de celebração à morte já praticada pelos portugueses, em Portugal e trazida ao Brasil pelos próprios colonizadores. Sendo assim, as incelências se consolidaram no Brasil como

[...] um canto entoado por muitas pessoas à cabeça do moribundo. Cantam sem acompanhamento musical, em uníssono, em série de doze versos, ritualmente aos pés do morto e os benditos à cabeça do falecido. A excelência tem o poder de despertar no moribundo o arrependimento de seus pecados. As excelências também são cantadas em Portugal e de lá foram trazidas pelos colonizadores⁷.

Nesse sentido, como forma de registrar as manifestações culturais dos municípios a serem catalogados na segunda etapa do Inventário Nacional do Tambor de Crioula na região Leste dos Cocais do Piauí, destacamos o registro das incelências, no município de Piracuruca.

Ao fazerem parte da categoria celebração do INRC, encontramos Francisco Damasceno Gomes, filho de Gonçala Damasceno Gomes e José Fontele da Silva, de 73 anos de idade, nascido no ano de 1939, no município de Cocal – PI, mas criado em Piracuruca, onde reside atualmente.

Segundo Francisco Damasceno, o contato com as excelências se deu em uma noite, ou seja, na mesma noite em que o pai (José Fontele da Silva) faleceu, no ano de 1952. Naquela noite, uma mulher cantou no velório do seu pai a noite inteira e ao vê-la cantá-la foi aprendeu as incelências. Damasceno destaca ainda que as incelências sejam cantadas de 9 a 10 vezes seguidas.

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954.p. 54.

Após destacar a forma como aprendeu as incelênças, Francisco Damasceno nos apresentou duas delas, as quais destacamos a seguir:

Incelênça de despedida

*Eu tenho um rosário para eu rezar
Mas Nossa Senhora quando ela chegar (2x)
A bença minha mãe vossa ira botar
Os anjos me chamam não posso esperar (2x)
Não posso esperar pela despedida
Tá chegando a hora da sua partida (2x)
Da sua partida passados enfim
E eu só peço aos meus filhos não chore por mim (2x)
Não chore por mim que eu já sigo só
Se antes de chorar, reze um padre nosso (2x)*

Incelênça ao Bendito São Miguel

*São Miguel, Oh Miguel! quem te ouve e quem te chama
No inferno tem uma alma faz três dias que reclama (2x)
Ó Miguel, pegue este anjo
Para ser a tua guia
Vai buscar aquela alma para a tua companhia (2x)
Ó de casa! Ó de fora!
O inferno estremeceu
Eu vim buscar aqui uma alma, quem mandou foi a mãe de Deus (2x)
Ó Miguel, Ó Miguel essa alma eu não te dou
Pois hoje faz três dias, que esta alma aqui chegou
Nem que faça três milhão
Esta alma eu levo ela
Quem mandou foi a Maria, mãe do nosso Pai Eterno (2x)
Marcha, marcha pra galinhas, dos olhos de pedra fina
Com que santo te apegou
Que pro inferno te levou*

Francisco Damasceno destaca que, atualmente não canta mais em velórios, porque não precisa mais, apenas reza o terço, já que são os próprios donos do defunto que não querem os cantos, porém, antigamente, as incelênças eram muito cantadas por várias pessoas ao mesmo tempo.

2. LUGARES

Os lugares são espaços marcadores de identidades, locais cujas memórias individuais e coletivas são resignificadas a partir do sentimento de pertença a determinado grupo. A própria paisagem natural da Região Leste do Cocal, cercada por nascentes, rios, açudes, olhos d'águas, serras e grutas, bem como a paisagem transformada e modificada pelo homem representada nas pinturas rupestres, casarões urbanos, fazendas, praças, igrejas e cemitérios das cidades serão aqui revisitados e descritos nas suas multiplicidades de significados.

2.1 Lugar de Devoção e sacralização

Lugares de memória e de devoção. São estes os sentimentos daqueles que saem, bem como daqueles que ainda continuam a morar cidades da Região Leste do Cocal. A própria fundação das cidades têm uma relação direta com a construção e reafirmação de um determinado lugar como ponto de devoção. Tanto as cidades mais antigas, como Piracuruca, Piripiri, São José do Divino e Matias Olímpio, bem como as que recentemente receberam o título de emancipação como Morro do Chapéu e São João da Fronteira estão em sintonia com esta estreita relação com o lugar.

Não seria estranho afirmarmos que as histórias das fundações das vilas e povoados, que, posteriormente, darão origem às cidades da Região Leste do Cocal se apresentarem como lugares demarcadores da religiosidade católica, e, portanto, espaços de devoção. Nesse sentido, cabe destacar como marcos fundantes dessas cidades as igrejas de Nossa Senhora do Carmo em Piracuruca, a igreja de São Francisco em Morro do Chapéu, a igreja de São Miguel, em Matias Olímpio e a igreja de São Sebastião, a primeira igreja de São João da Fronteira.

A atual cidade Piracuruca, esta que com o passar dos tempos dará origem a outras cidades da região, como Piripiri, São José do Divino e São João da

Fronteira se tornará um lugar referencial de devoção a partir da edificação de uns dos principais símbolos do sagrado⁸, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Erguida durante o século XVIII, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo representaria também os marcos definidores da administração portuguesa nas terras na Capitania do Piauí.

Segundo o professor de história da cidade de Piracuruca, Iran de Brito, as causas que levaram à construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo continuam ainda sem uma explicação definitiva. O relato mais popular conta que a sua construção se deu devido a uma promessa de

... dois irmãos portugueses, Manoel Dantas Correa e José Dantas Correa, que ao chegarem na localidade foram aprisionados por índios da região. Ao serem aprisionados, os irmãos portugueses fizeram uma promessa na qual afirmavam que caso fossem libertados fariam uma igreja em homenagem a Nossa Senhora do Monte do Carmo na região⁹.

Se as causas da sua construção residem exatamente em uma promessa feita por dois portugueses capturados pelos gentílicos da região, o ano de inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Carmo continua incerto. Muito embora na entrada da igreja a data de 1743 apareça como o ano de inauguração, muitos acreditam que essa data seja na verdade uma homenagem dos eclesiásticos da época ao falecimento do construtor da igreja, o português Manuel Dantas Correa. Outros apontam este ano não como a data de fato inaugurante da obra, mas ao “benzimento da igreja”, feita por clérigos vindos de outras cidades da capitania, notadamente de Parnaíba.

A presença de católicos europeus que constroem igrejas e fundam cidades na Região Leste dos Cocais parece bastante usual. Na cidade de São João da Fronteira, antiga localidade da cidade de Piracuruca, apresenta também estas características. Antes da fundação da cidade de São João da Fronteira, o santo festejado era exatamente São Sebastião. Sua igreja - bastante modesta quando a comparamos com a Igreja de Nossa Senhora do

⁸ Para uma discussão em torno do sagrado e sua relação com o profano ver, ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁹ Ver Depoimento de Iran de Brito em Fichas de Vídeo-Aúdio da Cidade Piracuruca.

Carmo - encontra-se na comunidade Alto Alegre, que antes do processo de emancipação política era a comunidade com o maior número de moradores da região. Entretanto, durante a década de 1980, o padre alemão Lotário Weber aparece na região com o intuito de implantar seu projeto missionário que contava, entre outras coisas além da evangelização, estabelecer uma política de desenvolvimento social e econômico. Lotário Weber resolve implantar seu projeto evangelizador numa localidade situada a 15 km da comunidade Alto Alegre e para isso funda, com recursos eclesiásticos, uma nova estrutura urbana, com escola, posto de saúde, mercado público, rádio comunitária, ponto de cultura, praças, pavimentação das ruas e uma nova igreja, essa em homenagem a um outro santo, São João. Pelo fato da sua nova cidade se localizar na divisa com o estado do Ceará o santo como a ser festejado como o nome de São João da Fronteira.

Nesse processo de redefinição da vida cotidiana e social e pela carência de serviços públicos de assistência social, como educação, saúde e lazer, muitos dos populares saem da comunidade Alto Alegre e seguem para a nova comunidade. Faltava agora apenas a ratificação da emancipação política da região frente à Piracuruca, algo que aconteceria na década de 1990.

A cidade de Piripiri tem na sua principal simbologia religiosa - a igreja de Nossa Senhora dos Remédios - outro exemplo da presença de padres europeus na remodelagem da paisagem urbana, bem como na redefinição dos espaços e lugares de devoção e de sacralização da vida religiosa na região Leste do Cacaís.

Construída pelos franciscanos na década de 1950 com base na Catedral de St. Paulus, em Münster, na Alemanha, a igreja de Nossa Senhora dos Remédios é um dos principais destinos de católicos e de turistas atraídos pela fé e devoção. Paralela à pujança da igreja matriz, a cidade de Piripiri conta ainda com o santuário a Nossa Senhora dos Remédios que fica localizado no Morro da Saudade, onde a presença de uma grande estatua em homenagem à santa padroeira torna-se rota obrigatória de turistas e romeiros.

Segundo o funcionário público aposentado, Antônio maganhães, os festejos de Nossa Senhora dos Remédios so “perde para Juazeiro e canidé”. Nos dias de festejo, conta o senhor Antônio Maganhães há uma “quantidade muito

grande de barracas, roda gigante, levantamento do mastro, novenas, leilões e muitas festas”.

2.2 Lugar de Diversão e sociabilidades

Embora carente de uma estrutura de lazer e esporte, muitas cidades da Região Leste do Cacaís conseguem dirimir tais problemas explorando a própria riqueza natural e cultural do lugar. Assim, lugares como lagoas, rios, olho d'águas, cachoeiras, morros e serras, nascentes de rios e açudes, formam o patrimônio natural da região. Por outro lado, gravações rupestres em paredes rochosas, praças da municipalidade, visitas a santuários e as restaurações das antigas estações férreas em áreas de atração cultural fecham, portanto, o patrimônio cultural da região e propiciam a diversidade de lugares para as práticas de sociabilidade daqueles que vivem nos Cacaís. Apropriados pelas pessoas do lugar tornam-se lugares focais oportunizando a realização de práticas sociais significativas.

Assim, percebemos o quanto estas cidades têm o seu desenvolvimento ligado a essas atividades. Na cidade de Piripiri tal elemento é bastante perceptível. A própria cidade tem a sua história atrelada ao turismo das águas. De fato, os grandes projetos de construção de açudes e lagoas na região dos Cacaís do Piauí não tinham por objetivo a atividades turísticas na época em que foram projetadas, suas finalidades eram exatamente garantir a irrigação das terras e várzeas da região e, ao mesmo tempo, dirimir os problemas da seca que assolavam o Estado, principalmente das secas da década de 1920 e 30, quando de fato, o governo federal, começou a olhar o problema com mais atenção, inclusive fundando órgão específico para o solucionamento dessas questões, como o DNOSC (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

A construção do Açude Caldeirão se insere nessa problemática nacional. Assim, os trabalhos de construção do açude foram iniciados em 01 de abril de 1937 e concluídos em meados de 1945, por administração direta do DNOCS. Dentre os produtos advindos com a prática da irrigação no açude tem-se o arroz, a melancia, o feijão, laranja e o coco. Já em termos de pesca, no açude Caldeirão se concentra uma grande de peixes, como o Curimatá, Piauí, Traíra e

Cruvinha. No mês de março é a época de sangramento do açude e a época, juntamente com dezembro e janeiro, onde uma expressiva quantidade de turistas aproveitam para conhecer Piripiri e as belezas naturais da região.

Embora pouco utilizado pela grande maioria da população de Piripiri, a cachoeira do Bota-fora, também conhecida como Cachoeira Grande, o Parque Municipal cachoeira da Conceição e o açude Anajás são outros lugares de sociabilidade e de diversão, entretanto, bastante utilizado por pescadores da cidade.

Se em muitas cidades do Leste do Cacaís as diversões e sociabilidades estão relacionadas a elementos da natureza, como os açudes, lagoas e cachoeira em outras cidade, principalmente as de médio porte de desenvolvimento, as diversas maneiras de se divertir estão atreladas ao mundo das praças públicas. Sempre localizadas no entornos das igrejas, a praças conseguem agrupar um pessoas de varias idades, gêneros e condição social. É no entorno das praças, como a praça de São Miguel Arcanjo em Matias Olímpio, que se dão os grandes eventos sociais, as disputas políticas e os espetáculos públicos.

Em Piripiri, as praças da bandeira - localizada em frente à igreja de Nossa Senhora dos Remédios – e a praça de eventos Arimatéa Sousa – antiga Estação Ferroviária – são os principais pontos cujas atividades culturais da cidade são realizadas. As estações férreas merecem destaque como lugares de sociabilidades. De fato, desde quando as políticas de preservação do patrimônio arquitetônico implementadas pelo IPHAN foram de fato sentidas em algumas das cidades da Região Leste dos Cacaís, esses antigos lugares foram ganhando outros significados, passando de áreas para o transporte de mercadorias e de pessoas para locais de lazer e diversão. É bem verdade que algumas estações férreas foram tombadas pelo IPHAN, como as de Piripiri e Piracuruca, e outras ainda apresentam lastimável estado de conservação, como a estação da cidade de Brasileira, porém o que se percebe é a constante utilização desses lugares nessas cidades.

Esses espaços, além de demarcadores de uma época re/apresentam também a própria dinâmica urbana dessas cidades da região, uma vez que sua ressignificação com o passar dos tempos torna-se perceptível à medida em

que percebemos nas vozes de muitos dos populares o quanto tais lugares foram e são modificados e apropriados pelos novos atores sociais. Assim, para os mais velhos, as principais praças das cidades que compõem a região Leste dos Cocais são vistas como lugares de trocas de informações, do ato de encontrar aqueles que por muito tempo não se via e, ao mesmo tempo, o manter-se informado sobre a vida familiar, social e econômica do outro, para os mais jovens, tais lugares e, em especial, as antigas estações férreas se revestem de uma dinâmica diferente, pois se tornam não só os espaços das sociabilidades, mais também áreas de re/criações de outros laços onde as diversões, os lazeres e os laços de afetividade se sobrepõem no universo urbano dessas cidades. Compreender esses lugares e sua vida cotidiana é, portanto, entender a vida, as novas escolhas de lazeres e diversão dos homens e mulheres da região dos Cocais.

3. EDIFICAÇÕES

3.1 Edificações urbanas: igrejas, casarões e cemitérios

A recorrência da apropriação dos mais diferentes lugares para a prática do lazer e para a recriação de novos e antigos laços de sociabilidades são elementos comuns na vida cotidiana dos sujeitos que formam a região leste dos Cocais. Nesse sentido, o fenômeno da apropriação, no caso aqui específico, dos espaços eminentemente urbanos e típicos dessas cidades, tais como as igrejas e seu entorno, os casarões urbanos e as antigas estações ferroviárias vêm cada dia mais ganhando novos significados. O que antes era a representação de um poder instituído e presente na cidade, como as igrejas e os casarões administrativos, agora dão lugar a centros de lazer e recreação, museus, bancos ou, simplesmente, a casarões de família. Na mesma perspectiva, antigas áreas demarcadoras da presença do progresso e da interligação das cidades, como as antigas estações férreas vão sendo, gradativamente se tornando áreas de atração e produção cultural.

Assim sendo, passamos a descrever uma parte desse patrimônio material, presentes nas edificações das igrejas, dos casarões urbanos, das capelas, das ruínas, das estações férreas e dos cemitérios urbanos das cidades referenciadas.

Em todas as cidades referenciadas na pesquisa, as igrejas ocupam um lugar de destaque na formação da vida cotidiana da região. Como vimos, em algumas cidades, as igrejas são por si seu símbolo instituidor e, em muitos casos, até precedem a própria formação do município, é o que acontece com algumas das cidades que tem seu processo de origem a partir do desmembramento de municípios mais antigos da região, como as cidades de Piracuruca e Luzilândia. Dessa maneira, os municípios de Piripiri, São José da Fronteira e São José do Divino terão suas origens políticas ligadas ao município de Piracuruca e as cidades de Matias Olímpio e Morro do Chapéu à cidade de Luzilândia.

Essa conexão político-administrativa nos ajuda, por sua vez, a compreender a própria dinâmica social dessas cidades. De fato, o próprio perímetro urbano encontra-se estreitamente ligado ao conceito de ordenamento social concebido pela religião católica. Dito de outra maneira, a importância estratégica de uma boa localização se dará exatamente na ocupação de terras próximas às igrejas matrizes dessas cidades. É por isso, portanto, que as melhores edificações e os mais opulentos casarões familiares e da administração pública se localizaram no entorno das praças que circundam as igrejas.

Ao caminhar pelas cidades de Piracuruca e Piripiri essa idéia se torna bem mais nítida. Em Piripiri, a própria construção da igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios nos ajuda a compreender essas transformações do urbano. Durante a década de 1950, com a chegada dos frades franciscanos em Piripiri, uma das primeiras iniciativas dos padres foi demolir a antiga igreja da cidade e, logo em seguida, construir uma outra baseada na arquitetura eclesíástica germânica. Na entrada da atual igreja, uma placa alusiva ao acontecimento esclarece os fatos sobre este fato.

A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em sua atual conformação, foi inaugurada em 13 de março de 1959, substituindo o templo primitivo que havia no local desde 1884. A planta da nova matriz foi elaborada pelo freio Constâncio Henning e construída pelos frades franciscanos alemães, tendo como base a Catedral de St. Paulus, em Múnster, na Alemanha. Seus vitrais multicoloridos são de fabricação germânica e formam um representativo acervo de arte sacra.

Paralelo à pujança da igreja matriz, a cidade de Piripiri conta ainda com um outro marco edificado em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios, localizado no Morro da Saudade e situado nos arredores do município.

Em Piracuruca, o casarão da antiga Intendência, um dos mais opulentos da região, localiza-se à esquerda da igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo e, portanto, no perímetro da praça Irmão Dantas. Na atualidade, esse espaço arquitetônico é reservado ao público jovem, com a realização de aulas de música, academia de ginástica e laboratório de computação.

Por certo, a cidade de Piracuruca guarda o mais expressivo percentual de casarões urbanos da região. Sua arquitetura, além de representar uma época, os anos finais do século com a construção da sua Igreja, e os anos finais do século XIX e XX com os seus casarões urbanos ressignificam um passado de riquezas advindas das produções da carnaúba. Assim, grande parte desses comerciantes da carnaúba para passar uma imagem de riqueza e ostentação “se inspiravam no estilo arquitetônico inglês, visto em revistas e fotografias vindas da Europa”¹⁰, para imporem um modelo burguês de bem viver e bom morar na região dos Cocais.

Paralelo aos casarões urbanos que cercam a igreja de Nossa Senhora do Carmo em Piracuruca, temos também o mercado público da cidade. Construído no ano de 1937 e somente inaugurado em 1942, o mercado público de Piracuruca encontra-se em precário estado de conservação, entretanto ainda é um dos pontos de maior atração populacional. É no mercado público que produtos a base do couro, alimentos, redes, instrumentos para pescas e o artesanato em geral são comercializados livremente.

Nos limites dos municípios que compõem a região do Cocais temos os cemitérios como marcos delimitatórios das áreas urbanas. É bem verdade que à medida que ocorre o crescimento natural das cidades, seus cemitérios se tornam elementos da paisagem urbana. Muitos desses monumentos aos mortos se encontram em deplorável estado de conservação. No cemitério “canto da saudade”, espaço de muitas histórias de traição, amores e de vinganças entre as mais abastadas famílias da cidade de Piracuruca, encontra-se em lastimável estado de conservação. Em Matias Olímpio existe no centro da cidade um antigo cemitério do final do século XIX, onde só é possível perceber em meio ao mato, poucas jazidas de influentes famílias da região.

De fato, é nos cemitérios que compreendemos como as pessoas lidam com seus mortos, suas angústias e expectativas frente a um mundo que se descortina sem a presença daquele que veio a falecer. Assim, os cemitérios são, acima de tudo, uma construção social, portanto, ligados a relações de poder e de classes. Dessa maneira, o próprio ordenamento dos cemitérios, a sua localização na cidade, as justaposições dos túmulos e daqueles que a

¹⁰ Ver ficha de bens culturais da cidade de Piracuruca.

ocupam não estão fora dessa lógica. Na entrada do antigo cemitério da cidade de São José do Divino, o mais opulento dos túmulos pertence justamente ao fundador da cidade, Manoel Divino Sousa, falecido no dia 07 de março de 1957, um homem que segundo a sua lápide era “exemplo de vida honesta, pai educador e justo”.

4. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

4.1 Artes de Fazer: a curtição do couro

A respeito destas considerações iniciais, podemos afirmar que as atividades ligadas ao couro se destacam em todos os municípios pesquisados nesta fase da pesquisa, onde podemos encontrar várias formas de utilização deste material nas comunidades visitadas, formando uma rede de produção econômica e cultural, a ser detalhada a seguir.

A partir das pesquisas *in loco* realizadas no desenvolvimento deste trabalho, podemos destacar o couro e sua cadeia produtiva como um dos principais recursos utilizados no trabalho cotidiano dos moradores da região Leste dos Cocais. Iniciando o mapeamento a partir de Matias Olímpio, foi possível identificar a predominância da atividade em torno da curtição do couro.

Passado através das gerações (de pai para filho), o trabalho é atualmente desenvolvido na região pela família Amorim, que curte o couro¹¹ adquirido na região ou comprando¹² em cidades próximas, como Porto – de gado, bode, carneiro - e vendido em peças¹³ aos “oficiais do couro”¹⁴, como os sapateiros, vaqueiros das várias regiões próximas de Matias Olímpio, como Teresina, Luzilândia, Barras, Batalha, Esperantina.

Para José Amorim - antigo curtidor da região - nos tempos em que trabalhou com esta atividade, um dos processos fundamentais na curtição do couro era com a casca de jatobá, chamada “casca de pau”. A partir da “Lua de Agosto”, se fazia a coivara e queimava-se a madeira, para transformá-la em cinza, que em seguida era peneirada e, posteriormente, usada na pelagem do couro.

Para ele, o processo de curtição era realizado na “Lua de Agosto”, pois significava mais consistência na cinza extraída, momento em que a lua está

¹¹ Atualmente o couro de veado é considerado material raro e proibido, sendo substituído pelos materiais disponíveis na região, como o gado e bode. Usado principalmente na confecção do gibão e chapéu. A família Amorim não trabalha com esse tipo de couro.

¹² O valor médio do couro bruto em Matias Olímpio é de 20, 00.

¹³ Perneira, sola, gibão, chapéu, etc.

¹⁴ Nas proximidades de Matias Olímpio podem ser identificados: Sr. Lindomar e José Domingos (Matias Olímpio), Luís Roseno (Morro do Chapéu), Antônio Doca (Campo Largo), Antônio Luís e Armando (Porto).

mais “forte” para iniciar as etapas de trabalho. Acreditava-se que a ligação entre lua/terra definia a qualidade dos recursos extraídos para consumo, pois, quanto mais à lua se fazia presente no trabalho de coleta das cinzas de angico/jatobá, melhor o rendimento da matéria-prima.

A cinza do jatobá tem utilidade para amolecer o pêlo do animal e o angico é bastante usado para dar “cor na sola” através do processo de curtimento. A soda cáustica serve para pelar o couro, e apesar da curtimento ter mais rentabilidade no tempo de serviço com processos industriais, sua qualidade não apresenta o mesmo perfil da produção artesanal, pois o resultado final é marcado pela baixa resistência, devido o uso de produtos tóxicos.

Nesse sentido, o trabalho ainda é desenvolvido dentro dos moldes tradicionais, apesar do uso de alguns produtos químicos - em baixa quantidade, devidos os riscos de contaminação - e mecânicos, como a “forrageira”,¹⁵ porém priorizando antigas técnicas artesanais, transferidas pelas gerações de curtidores na família Amorim.

Atualmente, Antônio Amorim - filho de José Amorim - dá continuidade à prática da curtimento em Matias Olímpio. Utilizando novos instrumentos para aperfeiçoar os resultados no trabalho, Antônio afirma que o uso da soda cáustica, casca de angico e a cal, ainda são importantes no processo.

A forma de extração da casca de angico é realizada nas chamadas “derrubadas de roça” - período em que os agricultores desmatam o espaço que será cultivado para plantação - momento oportuno da coleta do material e da sua armazenagem no curtume.

Os principais momentos que definem o processo de curtimento do couro podem ser divididos resumidamente na fase do “riacho”, onde o couro é lavado para limpeza e retirada do sal. Logo após esse processo, o couro é imerso no tanque com soda cáustica e angico, dois dias após essa imersão, ele é novamente lavado (as peças são raspadas com facão, no grosador¹⁶, para

¹⁵ Máquina que tritura a casca de angico.

¹⁶ Pedaco de madeira colocado em diagonal, onde o couro é pendurado e raspado com facão, para “afinar” ou retirar os excessos.

retirar os excessos) e colocado no “puim”. Finalmente, põe-se o couro na “golda”, em 30 dias o couro está pronto para venda¹⁷.

Para cada 10 a 15 camadas de couro a serem curtidas são usadas em média 15 latas de soda cáustica no processo, o que aumenta os riscos de contaminação pelo produto, sendo necessário o uso cauteloso de proteção no momento da atividade, com luvas e máscaras, a fim de reduzir a inalação tóxica. Após o manuseio das embalagens, os curtidores reúnem os vasilhames e os queimam, para não deixar vestígios das mesmas.

Após a finalização das etapas da curtição, o couro produzido em Matias Olímpio é encaminhado para os “oficiais do couro”, responsáveis na confecção de várias peças, como cadeiras, arreio para o cavalo, baú, bancos, cintos, carteiras, sandálias, bem como gibão, cabeçada¹⁸, rede, sola, sela, guarda-peito, chapéu, perneira, mocó de pé¹⁹, etc.

Ao percorrer as seis cidades pesquisadas da região Leste dos Cocais nesta fase da pesquisa, é possível afirmar que Matias Olímpio, assim como Esperantina²⁰ atuam como pontos de convergência na distribuição do couro para as demais cidades – Piripiri, Morro do Chapéu e Piracuruca - que atuam na elaboração de acessórios ligados à matéria-prima citada.

Isso não significa dizer que Matias Olímpio atua apenas na área de curtição do couro, pois na região podemos identificar alguns seleiros em atividade, como o Sr. Lindomar e José Domingos, que compram o couro de Antônio Amorim, para produzir suas peças e alimentar o comércio local.

A difícil arte de curtir o couro gradativamente tem diminuído na região Leste dos Cocais. O hábito de seguir a profissão dos pais e manter a tradição

¹⁷ Para ter mais detalhes do processo de curtição do couro, ver: FICHA DE REGISTROS AUDIOVISUAIS – Localizador : VIDEO 005, 1.

¹⁸ Armação feita de couro, ligado a argolas de ferro e fivela de segurança para sustentar a cabeça do cavalo na cavalgada.

¹⁹ Sapato.

²⁰ Não faz parte das cidades pesquisadas nesta fase do inventário, mas isso não significa que sua importância seja minimizada. Juntamente com Matias Olímpio, Esperantina compõe o circuito de curtição do couro, dialogando diretamente com outras cidades interessadas na compra e venda do material. Piracuruca - cidade inserida neste inventário - possui um vínculo mais próximo com Esperantina, no que se refere à compra do couro curtido, do que com Matias Olímpio. Nesse sentido, a pesquisa não pode limitar sua análise apenas as cidades contempladas, mas perceber que as mesmas estão em contato com a toda a região dos Cocais, num conjunto articulado e dinâmico, que ultrapassam as delimitações territoriais do projeto.

do ofício perde espaço para as “facilidades” da vida moderna, onde muitos moradores de Matias Olímpio se deslocam para a capital (Teresina), Piracuruca, Parnaíba e até São Paulo, em busca de melhores condições de trabalho, estudo ou se dedicando as atividades ligadas ao comércio.

Nesse sentido, é necessário atentar para a importância que este ofício possui na história da cultura material no Piauí, pois o couro é uma fonte de riqueza não só econômica, mas um elemento basilar na formação da identidade cultural de uma região. O curtidor, além do profissional ligado ao couro, é um artista gerador das matrizes criativas do seleiro, escultor que dá o acabamento final ao produto de uso diário e, ao mesmo tempo, de valor artístico.

Lançado ao comércio, a mercadoria segue destino para várias cidades próximas de Matias Olímpio, para ser manuseada pelo seleiro, que dará forma e utilidade ao couro, produzindo um conjunto diverso de acessórios, vendidos em lojas especializadas.

Neste trânsito percorrido pelo couro, a região Leste dos Cocais possui vários pontos de produção, onde tivemos a oportunidade de conhecer alguns processos criativos na elaboração de peças tradicionais ligadas a prática do seleiro. No conjunto das cidades pesquisadas, em que foram encontrados seleiros dispostos a expor suas habilidades técnicas no trabalho com o couro, destacaremos inicialmente Piracuruca, através de “Antônio Seleiro”²¹.

Um dos seleiros mais conhecidos da região, Antônio produz todos os acessórios que compõem a vestimenta do vaqueiro, a partir do couro comprado em Esperantina. Seus produtos são vendidos para vaqueiros tanto da cidade como para regiões próximas²².

Diferente de Antônio Amorim em Matias Olímpio, a vocação de Antônio Seleiro²³ não foi marcada pela tradição da passagem do ofício pelos pais, pois os mesmos viviam do sustento produzido na roça. Para Antônio seleiro, um dos motivos que o levou a trabalhar como seleiro foi uma simpatia sentida pela

²¹ Antônio de Castro Lopes.

²² Para ver detalhes, ver: FICHA DE REGISTROS AUDIOVISUAIS - Localizador: M2U00197-1.

²³ A categoria profissional de seleiro - no caso das cidades visitadas nesta fase da pesquisa - não se limita apenas na produção de selas, mas a todo conjunto que envolve a confecção de acessórios em couro nas suas variadas formas e funções.

profissão, na qual ele descreve como sendo um “dom” natural para exercer a atividade.

Sua aproximação com o gado, na época que trabalhava com os pais na roça, no interior de Batalha²⁴, o influenciou a valorizar o ofício que - ao sair do campo com destino a cidade de Piracuruca em 1993 – proporcionou-lhe os primeiros passos para aprender - sem auxílio de seleiros mais experientes - as técnicas de manuseio do couro na confecção dos acessórios e roupas de vaqueiro.

Antônio seleiro conta ainda que aprendeu a utilizar sozinho as ferramentas para produção das peças, entre as quais podemos destacar a “suvela”²⁵, “vazador”²⁶, “alicate vazador”²⁷, “compasso”²⁸, “grosador”²⁹ e máquina de costura, para confeccionar o material, na maioria das vezes feitos por encomenda de vaqueiros interessados em renovar suas vestimentas, pois o mês de julho é o mês das vaquejadas³⁰ e a demanda pelos produtos aumentam significativamente.

A falta de interessados em dar continuidade ao trabalho de seleiro ocorre da mesma forma com o ofício de curtidor em Matias Olímpio, obrigando o Sr. Antônio de Castro a manter sua atividade sem auxílio de outros artesãos, que trabalham em pontos isolados na região Leste dos Cocais. É o que podemos ver em Morro do Chapéu, com outro seleiro entrevistado, que vive do ofício, mas sem perspectiva de manter a tradição com novos seleiros, para dar continuidade à arte de moldar o couro.

Em Morro do Chapéu foi possível identificar um dos poucos seleiros em atividade. Conhecido como Luís Roseno e a muito morando em Morro do Chapéu, seu trabalho com couro já perfaz um total de 10 anos, movido, segundo ele, por inspiração herdada do pai³¹.

Em relação à transferência de saberes na família, Luís lembra que:

²⁴ Povoado “Vaca Morta”.

²⁵ Utilizada para fazer perfurações e inserir as correias.

²⁶ Perfura o cinto, de vários tamanhos.

²⁷ Usado manualmente, sem auxílio de suporte para perfuração.

²⁸ Serve para fazer as “tiras” de couro.

²⁹ VER nota 9.

³⁰ Ver FICHA DE BENS – Localizador: Formas de expressão - 2.

³¹ Francisco Ferreira de Melo.

[Meu pai] nasceu e se criou aqui no Morro do Chapéu. Nós moramos aqui por perto e... aprendeu porque o estilo do pai dele [avô de Luis Roseno] era o mesmo... trabalhava com couro, vivia de couro. Naquele tempo, meu avô ela era... trabalhava com couro... eu aprendi [a partir] de um baú que ele fez. Ele era (...) muito bom, fazia paletó, roupa pra homem, roupa pra mulher, pra noiva... ele era especialista. [Nos tempos que seu pai produzia peças de couro] (...) tinha muito vaqueiro na região [que] mandava fazer uma sela, (...) um gibão. Hoje tá mais difícil (...) é porque (...) os 'criador' tão muito pouco, ninguém, tá podendo mais criar, por causa de ladrão...³²

Atualmente trabalha num pequeno atelier ao lado de sua residência, dedicado na confecção de peças artesanais em couro. Sua material prima, o couro, é comprada na cidade de Joaquim Pires e Matias Olímpio e seu público comprador é basicamente os vaqueiros da região. Luis Roseno relata ainda que planeja desistir da profissão, devido sua velhice, a pouca procura pelo produto e a falta de aprendizes para auxiliá-lo no ofício de seleiro.

Luis Roseno destaca que muitas das manifestações culturais ligadas ao couro estão gradativamente em declínio na cidade ao afirmar que:

Aqui tinha [vaquejada] de primeira... era mais bonita e era bom. Hoje tem de ano em ano, o vice-prefeito faz. Diminuiu... quando era noutro tempo, (...) eles faziam vaquejada aqui... juntavam dois, três mil vaqueiros... e hoje fazem vaquejada aí e dá uns dez, doze quinze... [Antigamente] os 'curral' de criar gado era bem rico³³...

Segundo Jobevan Rodrigues, historiador local, nas festas promovidas em torno da cavalgada no dia 28 de setembro, que homenageia os vaqueiros da cidade e municípios próximos, a média de participantes no evento oscila entre duzentas pessoas, ao contrário do que afirma Luis Roseno.

A causa principal da baixa produção dos acessórios é devido à falta de mão-de-obra necessária para dar conta dos pedidos, onde boa parte das confecções encomendadas se desloca para Esperantina, pois Luís Roseno não

³² VER FICHA DE REGISTROS AUDIOVISUAIS: REC003 - Localizador: Gravação sonora - 1.

³³ Ver nota 25.

tem capacidade de dar conta dos numerosos trabalhos exigidos, por exercer o ofício sozinho.

Para ele, essa cidade tem estrutura suficiente para atender o comércio de couro, especialmente pelo fato de:

(...) quanto mais a cidade é maior (...) aqui eu posso fazer até melhor, vamos supor, (...) mas a pessoa vai comprar na Esperantina, porque a cidade é maior... não sei porque isso né? Eu conheço um rapaz que trabalha no ramo do couro (...), se você ver o estoque de mercadoria que ele tem de sela, gibão, perneira e tudo em quanto... Entrou no ramo só pra vender pro povo... às vezes eu tenho aqui e é dificilmente comprado³⁴...

Suas afirmações revelam o sentimento da consciência de que os traços do desaparecimento deste ofício, em Morro do Chapéu, se tornam presentes. O cenário que se forma na região está ligado ao comércio de Esperantina e outros municípios, produzindo peças em grande quantidade (na maioria das vezes, de forma industrial), para atender à demanda em vários pontos e cobrir áreas que a produção local não contempla a totalidade do público-alvo interessado.

Nesse caso, Luís Roseno trabalha com peças artesanais elaboradas em ritmo reduzido, pois seu tempo de serviço sem ajudantes não permite a intensificação dos produtos finais, para efetivá-los num prazo mais curto. Isso provoca uma queda significativa na procura do seu atelier, fator que consolida o espaço do mercado sufocando lentamente o trabalho de seleiros isolados do circuito de compra e venda nas pequenas cidades.

Mesmo com as dificuldades no trabalho, Luis Roseno insiste em manter a tradição de seleiro ativa na cidade de Morro do Chapéu, contribuindo para fortalecer e preservar os elementos da cultura do couro, agindo no cotidiano para afastar a possibilidade do ofício desaparecer, apesar da falta de aprendizes que poderiam dar continuidade a esta prática tão antiga na região Leste dos Cocais.

³⁴ Idem.

Como Luís afirmou anteriormente, Morro do Chapéu também se destacou na criação do gado, mas aos poucos esta atividade se perde enquanto “vocação”, para atender interesses comerciais, movidas pela praticidade do mercado.

Visitamos um dos criadores de gado mais antigos da região, Sr. Euládio, que nos relatou um pouco da sua aproximação com esta atividade:

Quando o camarada nasce, já é com inclinação pra aquele serviço. (...) Eu nasci inclinado pra gado, com 10 anos eu tomei de conta da fazenda³⁵ do meu pai (...) aí me casei... trabalhei bem numas quatro fazendas (...).

Atualmente está mais difícil encontrar vaqueiros antigos em Morro do Chapéu, a maioria faleceu ou não mora mais na região, o que mostra o lento processo de mudança nas gerações que assumem a prática, muitas vezes sem possuir uma ligação direta com a tradição de herdar do pai ou parente próximo, ao trabalhar na profissão por interesses comerciais ou falta de opção em outro ramo.

Algumas atividades econômicas em Morro do Chapéu, como a de seleiro, por exemplo, são voltadas para atender o consumo interno, com produções artesanais em baixa quantidade, assim como na agricultura, caracterizada pelo cultivo de subsistência e pecuária extensiva³⁶.

Ainda ligada à exploração do gado como fonte de renda no Leste dos Cocais, em São José do Divino, a relação com a pecuária também está presente nas práticas culturais da cidade, sendo que a produção leiteira é o maior destaque do município³⁷.

Entrevistamos Maria do Amparo - uma das primeiras organizadoras da “Festa do Leite” na região – que relata as primeiras articulações para promover o evento:

³⁵ Fazenda “Cabo Verde”, no interior de Esperantina.

³⁶ Arroz, milho, feijão, mandioca, etc.

³⁷ São José do Divino é conhecido como a terra do leite, com a maior bacia leiteira do Piauí. A produção gira em torno de 10 a 12 mil litros por dia. Disponível em: <http://www.clicapiaui.com/municipios/36379/festa-do-leite-movimenta-sao-jose-do-divino.html>

(...) A Festa do Leite ela surgiu assim... teve um projeto aqui (...), um projeto do Banco do Brasil (...), e aí 'pra vim' todo esse recurso teve que ser formado uma associação, que foi a ASCODIN... aí quando veio essa associação pra cá (...) eu sei que veio também uma assistente social para ajudar a gerenciar tudo isso aí (...). Primeiro foi feito todo um diagnóstico da região pra ver se tinha realmente potencial pra receber isso tudo. (...) E aí a gente conversando com as pessoas, (...) um dia a gente tava conversando com um monte de vaqueiro da região, estudantes também (...) já que São José do Divino tinha assim essa ligação muito forte com o leite. Aí a gente sentiu a necessidade de fazer alguma coisa pra colocar isso em evidência, aí foi que a gente teve essa idéia de fazer a Festa do Leite. Tudo foi muito rápido, eu acho que a gente teve essa primeira reunião por volta de agosto, quando foi em novembro já 'tava' acontecendo a primeira Festa do Leite em 1986³⁸.

Nas lembranças de Maria Amparo, a festa – no período que ela participava diretamente - compreendia na reunião dos produtores de leite da região, no qual é escolhida, entre as filhas dos mesmos, a rainha do evento, formadas nas categorias, “mirim” e “jovem”.

Um dos destaques da programação da festa é o concurso leiteiro, onde os produtores exibiam suas criações e faziam as ordenhas, para que o leite colhido fosse distribuído para os moradores carentes da região. A vaquejada e o baile eram as atividades mais esperadas do evento, bem como o matinal, onde ocorriam o desfile da rainha mirim e a entrega dos prêmios do concurso leiteiro para os proprietários de gado com maior índice de produção de leite durante a festa, na média de duas ou três ordenhas.

Para Maria Amparo, a Festa do Leite atualmente:

(...) está tudo já mais organizado (...) na Festa do Leite vem o SEBRAE pra cá, as atividades começam na quarta-feira logo [até sábado, com o resultado do concurso leiteiro] (...), durante esses dias (...) tem seresta à noite, é bem movimentado. Só que... assim, perdeu... essa parte tá muito bem organizada, cresceu nessa parte, mas perdeu a essência da festa. Geralmente é uma pessoa que vem de fora e contrata o conjunto e 'num' fica mais assim... o dinheiro da festa não fica aqui em São José... perdeu a essência principal da festa³⁹.

³⁸ VER FICHA DE REGISTRO AUDIOVISUAIS: REC 002 – Localizador: Gravação sonora – 1.

³⁹ VER nota 31.

A respeito das vaquejadas, Maria Amparo afirma que as primeiras realizadas na região foram articuladas por um casal de cearenses – Jeovah Monte e Maria José Noronha Monte⁴⁰ - no final dos anos 60, até cerca de 1973, momento em que Maria José se desloca para Teresina.

Maria Amparo relata que esse período foi marcado:

(...) por uma espécie de decadência. Todas as famílias mais tradicionais, os filhos começaram a crescer e eles começaram a migrar, indo pra Teresina, Piracuruca, pra Parnaíba (...) eu lembro que nessa época (...) todo mundo indo embora porque aqui não tinha estudo, só tinha até a 4ª série (...) aí, depois com essa associação, que foi em 1984 (...) que as coisas começaram a caminhar de novo. Hoje tem até algumas famílias que estão retornando pra cá... e hoje também não temos mais vaquejada... As vaquejadas que a gente tem são de pessoas particulares, que fazem um bolão, mas tudo assim muito... nem se compara como era antigamente⁴¹

Com o declínio das vaquejadas tradicionais no município, a figura do vaqueiro lentamente é alterada, onde o mesmo abandona o cavalo para trabalhar de moto⁴² usando-a para tanger o gado e transportar o leite das ordenhas, a fim de otimizar o ritmo das atividades e obter mais rendimento no serviço.

O conjunto de acessórios e roupas tradicionais dos vaqueiros ainda é usado em momentos específicos, principalmente quando uma cabeça de gado se perde na chapada e o uso de moto fica inviável. Alguns vaqueiros - para não perder a essência da prática - se vestem para capturar o animal, bem como no período da “Festa do Leite” exibindo para os visitantes, vestígios de uma identidade que perde espaço para a praticidade do transporte.

Apesar das mudanças sentidas no cenário sócio-cultural dos municípios da região Leste dos Cocais, não podemos associar esse processo somente à sua possível descaracterização. Nestes espaços, as práticas e os saberes são

⁴⁰ Atualmente mora em Teresina.

⁴¹ VER nota 31.

⁴² O único seleiro da cidade, conhecido como Chico Coelho, faleceu sem deixar continuadores do ofício.

reinventados no jogo cotidiano, onde cada indivíduo contribui no seu fazer social diário e no âmbito das reivindicações exigidas na vida coletiva.

Assim, produzem sentido cultural nas suas atividades consideradas habituais, para daí colher os *benefícios simbólicos* plantados nas *artes de fazer*⁴³, marcando sua identidade e diferença entre as outras regiões que, apesar dos seus aspectos culturais estarem muito próximos, cada município vive seu processo de constituição singular.

Nesse sentido, podemos identificar nas cidades pesquisadas um vínculo intenso dos moradores com a tradição dos ofícios e modos de fazer ligados à criação do gado e seus derivados. Mesmo com o gradativo desaparecimento dos elementos fundamentais que singularizam a cultura na região - como a profissão de seleiro e curtidor vistos acima - o esforço para manutenção destas práticas culturais é um meio de resistir às ameaças de perda da identidade local.

Desse modo, outras atividades, além dos trabalhos em couro são praticadas nos municípios pesquisados. No caso de São José do Divino, uma variedade de manifestações pode ser vista também no artesanato. Maria Amparo relata que a região já esteve mais ativa nessa área, onde é possível encontrar artesãos que produzem peças:

(...) *mas não que [sobrevivem] disso (...) temos muitas pessoas que fazem crochet*⁴⁴, *pra si ou por encomenda. (...) mas não tem (...) uma organização nesse sentido (...) fazem somente esporadicamente*⁴⁵.

Nas artes plásticas, os suportes de expressão mais usados no município são a pintura em telha e tela. Os trabalhos de Francisco das Chagas Sousa têm inspiração no paisagismo e natureza morta, valorizando cores intensas, numa linha criativa convencional vendida aos moradores, para decoração das casas e estabelecimentos comerciais.

⁴³ GIARD Luce, CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 2*. Morar, cozinhar. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1996, p. 39.

⁴⁴ Destaque para produção de redes (feitas em pequena quantidade) e desenhos bordados para moldura de quadros.

⁴⁵ VER nota 31.

Já em Piracuruca e Morro de Chapéu, o artesanato possui um ritmo de trabalho sistematizado, com apoio de instituições que garantem a funcionalidade e manutenção do ofício. Dentre os diversos tipos de material usados no artesanato em Piracuruca, foi possível identificar o manuseio com pedra sabão, reciclagem, linhas e bordados, barbante, crochet, rede de tecido, palha (chapéu), palha de milho (baú), cabaça (lustres), bonecas de pano, couro (sela), pinturas em bico de pena e tela.

Importante citar a fundação da *Associação Arte da Terra*, de Piracuruca, que tem a função de unir os artistas para discutir a produção, regularizar seu ofício e criar estratégias para ampliar os espaços de atuação no mercado dentro e fora do município.

Jacira de Brito, articuladora cultural da região relata que:

(...) quando eu comecei [a trabalhar] com a prefeitura, um dos meus compromissos era com o artesanato e aí a gente conseguiu organizar um grupo bom (...) a gente orientou, deu curso, (...) para eles [artesãos] montarem um lojinha (...). Nosso artesanato (...) hoje em dia [trabalha] com um artesanato mais “moderno”, com muita palha de milho e com customização de lixo, pintar garrafa, caixinha de madeira (...) e a gente tem muito o artesanato de linha⁴⁶ (...).

Na culinária, Jacira destaca a galinha com arroz, tapioca, doce de caju, pêta, bolo e a cajuína que, segundo o historiador da região, Iran de Brito:

(...) nós já até passamos de uma cajuína artesanal para uma semi-industrial. Nós temos pessoas aqui que trabalham com cajuína que já tem uma linha de montagem, (...) eles já trabalham num processo que já passou do artesanal. (...) com certa capacidade de distribuição pelo Estado (...)⁴⁷.

Em Morro do Chapéu, a produção artesanal tem o apoio do CRAS – Centro de Referência da Assistência Social - na confecção de toalhas, redes, chinelos e pequenas esculturas realizadas por mulheres que trabalham nos cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela instituição.

⁴⁶ VER FICHA DE REGISTRO AUDIOVISUAIS: REC 010 – Localizador: Gravação sonora – 8.

⁴⁷ Ver nota 39.

Ao produzir os acessórios, os mesmos são vendidos para a comunidade local, com a finalidade de auxiliar na renda familiar dos artesãos. Dentre as comidas mais consumidas na cidade temos a galinha assada, feijão, abóbora, batata, macaxeira, quiabo, torta, macarrão com peixe e sardinha, as farinhadas ainda ocorrem no município produzidas nas “casas de forno”, de acordo com os moldes tradicionais.

A respeito das comidas típicas e do artesanato registrados nos outros municípios, podemos observar que, em Piripiri, os elementos principais na produção de peças estão voltadas aos trabalhos com babaçu (chapéu), o cofo, quibane, gamela, pilão, cadeira, portas, janelas.

As comidas mais representativas da cidade são: peixe (Tilápia), pirão, cuzcuz de milho e de leite, acompanhado com carne de bode, Maria Izabel, cozidão, pirão de parida (memória), galinha caipira, caruru (queijo, creme de leite – sem camarão), torta de bacalhau e o chá de burro.

Em São João da Fronteira foi possível identificar trabalhos artesanais feitos em palha, como a rede de tucum, vassoura e o chapéu, bem como tapetes em tecido. Há no município, o cultivo de mel artesanal e a extração da cera de carnaúba, na alimentação, as comidas típicas mais significativas são: carne de tatu, carneiro, bode.

No período da Semana Santa, o município oferece o bacalhau, bolos, feijão maduro (colhido ainda verde), panelada, buxada (carneiro), galinha caipira, capote, peixe (curimatá, piau, surubim) com leite de coco, milho (munkunzá, canjica, pamonha) e o arroz doce com leite.

Matias Olímpio é conhecido pelos trabalhos em bordado, crochet e as redes caseiras, bem como o peixe com leite de coco. O peixe consumido muitas vezes é pescado pelos moradores, em canoas elaboradas para este ofício. Nesse caso, a produção de canoas artesanais⁴⁸ em Matias Olímpio é pouco exercida. Apenas alguns trabalhadores⁴⁹ envolvidos com agricultura e pecuária se interessam na atividade, para aumentar a renda ou para auto-sustento, pois, quando conseguem vender uma canoa, lucram um valor médio de 600,00 por peça produzida. Assumir o papel de pescador nessa região

⁴⁸ Ofício de Calafate.

⁴⁹ Em Matias Olímpio, um dos calafates ainda em atividade é conhecido como “Zé Miroca”.

acontece na maioria dos casos com intenções de exercer uma atividade complementar.

Neste panorama ligado aos ofícios e modos de fazer pesquisados na região Leste dos Cocais, podemos destacar outras atividades fundamentais na formação sócio-cultural dos municípios abordados até aqui, como o Pai de Santo, o Rezador(a) e o Tambozeiro.

A respeito do ofício de Pai de Santo, detectamos inicialmente em Morro do Chapéu e Piracuruca. Em Morro do Chapéu entramos em contato com *Joana D'arc*⁵⁰, um dos mais conhecidos em atividade na região. Filho da Mãe de Santo, Maria Pereira da Conceição Bernarda, *Joana D'arc* iniciou a vocação na cidade de São Luís (2006) e atualmente é o responsável em manter ativa a prática da Umbanda na sua Tenda, localizada no interior da casa onde mora.

Sobre o público interessado nos seus trabalhos, ele afirma que:

(...) praticamente a gente não tem aquela clientela de vir assim, é uma pessoa dona de carro (...) a gente não tem esse povo aqui. Lá de vez em quando é que chega uma pessoa [desse nível financeiro] (...). Sou eu que atendo (...) não é um trabalho da pessoa cobrar (...) porque a gente vê que o povo não tem.

A atividade que mais interessa ao Pai de Santo está ligada na dança, principalmente nos rituais de Macumba, manifestação que Joana D'arc possui maior envolvimento, afloradas a partir da convivência direta com seu iniciador em São Luís, onde aprendeu todos ritmos, a partir da circulação em vários terreiros que visitou.

Durante 17 anos, Joana D'arc e sua família realizavam uma festa no dia 5 de janeiro, que marcava o ano de inauguração do antigo terreiro em Luzilândia, região onde sua mãe começou a se interessar pelo ofício religioso e mostrou os caminhos para o filho seguir a vocação. Nesse sentido, Joana D'arc relata que, além das festividades vivenciadas no início do ano, ele produz a festa de Preto Velho, comemorada no dia 13 de maio.

Esse período é conhecido como “festa dos negros”, principalmente no Piauí e Maranhão, forma de celebrar a herança afro nas tradições ligadas à

⁵⁰ João Batista Pereira da Silva, 28 anos.

Macumba e Umbanda⁵¹ no município. A partir de suas experiências com a Macumba – Joana D’arc estabelece as diferenças da manifestação no Maranhão e no Piauí:

(...) no Maranhão se usa muitas linhas ‘negra’ (...) e no Piauí (...) já é usado mais a linha branca, mas não tem (...) uma diferença assim tão grande (...). O que muda aqui é o toque dos tambores, já é diferente do toque no maranhão. Quando chega um Pai de Santo do Maranhão aqui no Piauí, ele se sente mal com o toque do tambor, porque o balanço dele já não vai dar igual ao toque do tambor [do Piauí] e do tom das doutrinas.

O contato com praticantes da Umbanda em outras regiões é uma das características mais destacadas por Joana Darc em Morro do Chapéu, pois é um meio de fortalecer as relações entre terreiros próximos, bem como criar uma circularidade maior na frequência de festividades religiosas na região.

Em Piracuruca, o Pai de Santo João Ferreira também possui uma tenda (São Jorge), localizada nos “fundos” de sua residência. A escolha do santo para nomear a tenda é uma forma de confiar a proteção do lugar à entidade, considerada por João como Santo capaz de proteger o espaço de energias negativas, pois a tenda atualmente trabalha com a linha branca (nas correntes de Xangô, Jurema, das águas e das matas). Geralmente ele recebe visitantes e interessados em fazer trabalhos espirituais na Tenda aos sábados.

A festa de São Jorge é realizada na Tenda no dia 23 de abril e de Santa Bárbara, 04 de dezembro. No mês de maio a tenda celebra, assim como em Morro do Chapéu, a Festa do Preto Velho. O aniversário (27 de dezembro) de João Ferreira é marcado por grande festividade no lugar, onde médiuns, amigos e seguidores se preparam para comemorar os anos de vida do Pai de Santos considerado “chefe” da Tenda, com danças e jantar entre os convidados.

Em Matias Olímpio, tivemos a indicação da presença de um terreiro ligado à Umbanda na Região de Alto Formosa, coordenada pela Mãe de Santo Maria José, mas devido a sua ausência no lugar, priorizamos a investigação no

⁵¹ Para Joana D’arc, os nomes apresentam os significados muito próximos. No depoimento podemos notar que ela não se preocupa em definir uma barreira entre os termos.

ofício de tambozeiro, prática que - segundo nossa análise no capítulo sobre celebrações - ainda continua ativa e ganhando novos integrantes.

Para finalizar esta etapa, destacaremos o último ofício pesquisado na região Leste dos Cocais, ligado à prática dos rezadores e rezadoras. Catalogamos várias entrevistas que nos auxiliaram a compreender sua rotina na região, mas que devem ser exploradas com mais profundidade em pesquisas posteriores, a fim de ampliar o olhar panorâmico deste relatório.

Em Piracuruca, conhecemos Raimunda Cantinho, uma das rezadeiras mais populares do município. Conta ela, que seu contato com o ofício se deu a partir da visita que fez a uma rezadeira ao sentir dores no dedo. Buscou ajuda para amenizar o inchaço, entretanto o que seria apenas um encontro se tornaria a iniciação imediata para a prática da reza.

Raimunda cantinho lembra o momento em que recebe o convite para se tornar rezadeira, convite este rejeitado no porque não sabia ler e escrever. Com o passar do tempo, e já sabendo ler e escrever, Raimunda resolve utilizar um caderno para anotar as orações e decorá-las. Raimunda decidiu não transferir para outras pessoas suas rezas, pois só aceitou seguir o ofício em respeito à memória de sua iniciadora, mas não deseja manter a prática em continuidade entre seus familiares.

Uma das rezadeiras mais antigas da cidade é Maria Cândida da Conceição, que deu seus primeiros passos no ofício em Codó-MA, com seu iniciador conhecido por “Tragino”. Assim como Raimunda Cantinho, ela pretende não passar a herança do ofício para iniciantes, e sim “matar as forças da oração”, guardando todos os segredos que aprendeu na vida como rezadeira.

Raimundo de Sousa Castro é rezador em Piracuruca, porém apresenta uma característica que o diferencia dos demais entrevistados: sua reza concentra-se também em animais, no intuito de curar determinadas doenças, como a “bicheira”, enfermidade comum na região. Raimundo toma como suporte para sua oração, um galho de samambaia.

Para cada reza que realiza, Raimundo de Sousa as conta puxando uma folha quando finaliza uma série de dez orações a cada sentido direcionado pelo

galho, é uma espécie de “terço” que auxilia a coordenar seu ofício, buscando curar os animais à distância nas fazendas de Piracuruca.

A última rezadeira identificada nesta fase de pesquisa em Piracuruca foi Maria das Dores Sampaio Sousa. Nascida em 1951, na localidade Cruz e moradora em Piracuruca desde 1962, sua iniciação no universo religioso se deu pelo contato com a “madrinha” Catarina, aos 12 anos de idade. Além da “madrinha”, ela aprendeu novas rezas na adolescência, a partir da leitura do caderno deixado por um antigo professor que arquivou várias orações antes de falecer aos cuidados da mãe, repassadas à Maria para dar continuidade ao aprendizado.

Devota do Divino Espírito Santo, Maria das Dores trabalha com rezas com o fim de aliviar quebrantos, dores de barriga, dores de dente, dores de cabeça, convulsões, engasgos, ferida de boca e garganta, queimaduras de aranha e - semelhante ao trabalho de Raimundo de Sousa – reza para animais. Segundo a rezadeira, para cada enfermidade há um tipo de reza, com exceção de ardor, cobreiro(sic), fogo selvagem, queimadura, sarna e comichão, a reza é a mesma.

Sobre os procedimentos da reza para “ferida de boca”, Maria relata que:

A gente se benze primeiro, (...) e depois eu digo: Jesus é, Jesus nascido é, filho da Virgem Maria, sem pecado é. Sarai as feridas da boca e da garganta de Maria do Carmo bom Jesus de Nazaré. Aí rezo Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria oferece a nosso Senhor Jesus Cristo sarar as feridas da sua boca (...). Digo isso três vezes. (...) Amanha você retorna tal hora que eu rezo novamente... aí amanhã você vem e eu rezo de novo. Conforme se tiver melhor, ainda volta outra vez⁵².

Até o momento, Maria das Dores não encontrou pessoas interessadas em segui-la para aprender as rezas e dar continuidade ao ofício, mas confessa sentir vontade de transferir sua energia para as filhas, que rejeitam a iniciação com a mãe.

⁵² Para ver detalhes: FICHA DE REGISTROS AUDIOVISUAIS – Localizador: M2U00198 – 13.

Outra característica do trabalho de Maria é a reza à distância. Afirmar que está desenvolvendo um trabalho para ajudar uma criança em Samambaia do Norte-DF:

(...) Eu me concentro (...) e rezo lá nessa pessoa, lá no Distrito Federal. [Me concentro] na figura dele (...) e coloco [a foto] “no rumo” [em direção ao lugar que vive a pessoa necessitada]. (...) coloco a mão em cima [da foto], se concentra, como a gente vai fazer num exame de consciência (...). Depois a mãe dele me liga (...) e diz que está melhor, que está bem⁵³.

Após este mapeamento em Piracuruca, nos deslocamos para São José do Divino e identificamos a rezadeira Sra. Brígida – 73 anos – que aprendeu a rezar contra quebranto, carne quebrada⁵⁴, de doença em moleira em criança, de dor de barriga e espremedeira.

Seu primeiro contato com o ofício foi com:

(...) 18 anos (...) mas eu me arrependo, porque o povo não lhe deixa mais... é aqui direto... tem dia que vem de dez a quinze pessoas aqui. (...) Eu rezo é com a fé que eu tenho em Deus... eu rezei três anos sem ninguém saber (...). A gente pode vender tudo (...) menos a oração.

A rezadeira recebeu do pai o ofício de rezadeira. Este, no leito de morte, passou-lhe o ofício como forma de libertar-se da agonia da morte. Fato este relevante uma vez que indica o momento ritual da passagem e iniciação do novo rezador.

Atualmente, Sra. Brígida recebe em sua casa muitos visitantes em busca de auxílio espiritual para amenizar angústias e dores físicas. Entretanto, o cansaço advindo com tempo no ofício a faz pensar em encerrar suas atividades, afirmando falta de tempo em atender uma demanda intensa e principalmente por não encontrar alguém interessado em aprender a ser continuador das rezas.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Torcicolo.

Em Piripiri, o rezador mais procurado no município é o Sr. João Rufino⁵⁵. Atendendo na sua casa todos os dias muitas pessoas gratuitamente, cerca de 120 por sessão. Ao chegarmos à sua tenda, encontramos uma longa fila à procura pelos serviços do rezador que, após finalizar o trabalho com todos, nos recebeu para conversar sobre seu ofício.

João Rufino nos relata possuir uma ligação muito forte com a natureza, bem como com os santos que auxiliam na sua tarefa diária. Além das rezas, João Rufino faz remédios naturais para auxiliar no seu trabalho, produzidos na época em que “os planos de Deus” possibilitam sua elaboração.

A “fé” é a palavra-chave na orientação espiritual do Sr. Rufino, acreditando que todas as suas ações realizadas no dia-dia são resultantes da “fé” que cada pessoa guarda para que suas vontades sejam efetivadas.

Segundo o rezador, sua iniciação é marcada pelo:

(...) dom de reza. (...) com 12 anos de idade a primeira coisa que eu rezei foi no “bruto”, num “camerim” (...) lá no município de Piracuruca, debaixo de um pé de árvore (...) lá na Serra Verde. (...) Porque eu nunca cresci, eu só fiz ficar de idade, o que mais “véi” é o mundo né? (...) Aí então se Deus me der a licença, toda rezinha que eu rezo dá certo né?

Para Sr. João, um dos segredos para que a “força” dos rezadores não seja perdida é que não haja contato entre eles, pois existe o risco das energias neutralizarem, onde cada um deve cumprir sua missão isoladamente, focando sua fé no auxílio e cuidado às pessoas necessitadas, longe de energias negativas que impedem a continuidade do trabalho.

Alguns moradores que tivemos a oportunidade de conversar chegaram a afirmar que, um dos principais motivos do declínio das festas, do fazer culinário, das práticas religiosas e ofícios tradicionais ocorreu por causa da chegada da TV e do rádio, que resultam no afastamento das atividades coletivas, para o consumo isolado destes “novos” produtos midiáticos gerando o desinteresse pelas matrizes que os informam culturalmente.

⁵⁵ Nasceu em Piracuruca, em 1955.

É preciso atentar que, apesar de todos os benefícios proporcionados pela inserção de eletrodomésticos, produtos industrializados, bem como as perspectivas de melhoria da renda, que mobiliza muitos moradores a migrar para cidades como Teresina, Piracuruca, Parnaíba e até São Paulo, tais mudanças alteram significativamente o cotidiano de parcela dos moradores, ao incorporar as transformações no ritmo de vida, sem um diálogo crítico com suas heranças históricas e tradições.

Acreditamos que a intenção deste relatório está na busca de uma conexão profícua entre o processo de modernização estrutural e a valorização das tradições populares. Nesse sentido, ao expor o panorama das manifestações vigentes ou situadas na memória dos habitantes da região Leste dos Cocais, visamos encontrar a melhor forma de dialogar e propor medidas a favor da preservação da cultura local, em sintonia com a modernização, sem que esta seja vista como algo negativo ou descaracterizador das práticas de sociabilidade.

Tal aproximação seria um caminho para cruzar positivamente tradição e modernidade no dia-dia dos moradores de cada município, para que estes tenham a oportunidade de reivindicar melhorias na qualidade vida, sem eliminar suas raízes culturais, que os diferenciam dos demais grupos e os mantém distantes dos perigos da homogeneização cultural.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marta. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ARANTES, A. A. "Como ler o INRC". In: INRC. *Inventário Nacional de Referências Culturais*. Manual de Aplicação. Departamento de Identificação e Documentação. IPHAN. Minc, 2000.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: familiar e poder*. Teresina: FCMC, 1995.

_____. *O Escravo na Formação social do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 1999.

BURKE, Peter. A história como memória social IN: _____. *Variedades Para a História cultural*. 2º ed. Rio de Janeiro; civilização Brasileira, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954.

CHAVES, Monsenhor. *Cadernos históricos*. Teresina: FCMC, 1994.

COSTA, F. A. Pereira. *Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República*. v.2. Teresina: Artenova, 1974.

CUNHA, Higino. *História das Religiões do Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FALCI, Miridan B. K. *Escravos do Sertão: Demografia, Trabalho e Relações Sociais*. Teresina: FCMC, 1995.

_____. *O Piauí na segunda metade do século XIX*. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 1986.

FERRETI, Sergio F. "Notas sobre o sincretismo religioso Brasileiro – modelos, limitações, possibilidades". *Tempo*. Rio de Janeiro, nº 11, pp.13-26.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1978.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 6ª ED. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro, Ucam; Ceaa, 2001.

GODÓI, Emília Pietrafesa, NIEMEYER, Ana Maria de (Orgs.) *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas: Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUNZISK, Serge. *O pensamento mestiço*: São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Solimar Oliveira. *Braço Forte: Trabalho escravo nas Fazendas da Nação no Piauí – (1822 – 1871)*. Passo Fundo: UPF, 2005.

MOTT, Luís R. B. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. V.4. 2ed. Teresina: Artenova, 1975.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore Brasileiro: Piauí*. 2ed. Teresina: EDUFPI, 1995.

PRICE, Richard. O Milagre da Crioulização: Retrospectiva. *Estudos Afro-Asiáticos*. Ano. 25, n.3, 2003. pp.383-419.

_____. & MINTZ, Sidney. *O nascimento da cultura Afro-Americana*. Rio de Janeiro. Ed. Pallas. 2005.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, V 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/ Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

SLENES, Robert. ‘Malungo, N’agona vem!’: África encoberta e descoberta no Brasil. Luanda: *Cadernos Museu Escravatura/Ministério da Cultura*, 1995.

SOUSA, Marina de Melo e. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

TORNTON, John. *A África e os Africanos na formação do mundo atlântico*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LONDRES, C. "Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: Inventário Nacional de Referências Culturais". *Manual de aplicação IPHAN*. [S.l.:s.n.], 2000.